

***Gardens in the Dunes e Almanac of the Dead* de Leslie Marmon Silko:
Utopias, Distopias, e Ucronias “Sob Rasura”**

Alvany Rodrigues Noronha Guanaes
USP – fflch

O conceito de utopia, já amplamente discutido e abordado por tantos teóricos, filósofos, escritores e pesquisadores desde o romance de Tomás Morus, despe-se, nesse trabalho, do papel professoral que busca investigar seus significados a partir da etimologia grega, para ser analisado como um signo sócio-político, contextualizado na literatura engajada contemporânea da autora Laguna-Pueblo Leslie Marmon Silko. Seu alegado antônimo, o termo “distopia” é posto em xeque, na tentativa de investigá-lo como tropo de representação, advindo de um imaginário fantástico caricaturesco ou como pessimismo “Schopenhauriano” que delimitaria a própria realidade ou ainda como denúncia social, configurando objeto de resistência à política estadunidense, que nasce da observação subjetiva e crítica dos meandros sociais, políticos e econômicos os quais vitimizam as classes desfavorecidas em nossa América contemporânea. Por último, a ucrônia, definida como apocrifia histórica ou tempo imaginário, é o espaço da sobredeterminação, no qual história, tempo, utopia e distopia são noções desalgemadas de suas significações elitistas reducionistas e se abrem a interpelações, correntes multifacetadas e para as articulações marginalizadas ao devir do dinamismo global: “O mundo não é. O mundo está sendo” (Paulo Freire, 1996). Nesse sentido, tais conceitos expostos acima estão abordados “sob-rasura” (Hall, 2000), pois as mesmas nomenclaturas perpassam pelo crivo da construção histórica relacional, esgrimindo seu caráter homogêneo e permitindo amplo escopo de significações.

Leslie Marmon Silko, escritora Laguna Pueblo e porta-voz literária das chamadas primeiras nações, oferece os objetos de estudo para esse artigo: os romances *Almanac of the Dead* (1991) e *Gardens in the Dunes* (1999). Além da distância temporal, os oito anos que separam uma publicação da outra, podemos apontar, a princípio, também um afastamento tramador. Enquanto *Almanac of the Dead* foi taxado de feroz, desafiador e pungente pelo *New York Times Book Review* em 1992, *Gardens in the Dunes* obteve referências bem menos contundentes como no caso do comentário

de Nadya Labi na revista *Time*, referindo-se a esse romance como “um idílio sobre uma das realidades mais feias da história da América”.¹

Gardens in the Dunes abre com um parágrafo que pode nos fazer pensar na ilha perfeita de More:

Sister Salt called her to come outside. The rain smelled heavenly. All over the sand dunes, datura blossoms round and white as moon breathed their fragrance of magic. Indigo came up from the pit house into the heat; the ground under her bare feet was still warm, but the rain and the breeze felt cool – so cool – and refreshing on her face. She took a deep breath and ran up the dune, where Sister Salt was naked in the rain. She pulled the ragged sack over her head and felt the rain and wind so cool, so fragrant all over her body. (...) They lay side by side with their mouths open and swallowed raindrops until the storm passed. All around them were old garden terraces in the dunes.

(p. 13)

A descrição paradisíaca desperta no leitor ao imagético fotográfico. Todos os sentidos envolvem-se na abertura do romance: a visão pictórica, o perfume das flores que aguça o olfato, a pele nua que se delicia na água da chuva, no calor e no frescor, e no toque da aspereza suave da areia molhada. Por último, a chuva que impregna o paladar como se fosse uma iguaria, a gula por sorver o momento, por impregnar-se do lugar, do momento, da história perfeita. Em consonância com esse lugar ideal de total integração com a natureza, podemos dizer que nesse excerto configura-se a utopia de lugar (Szachi, 1972) e, portanto, uma quimera romanesca. Em contrapartida, tomando o conceito de *Landscape* segundo Silko (1996) entendemos que a paisagem vai além do cenário:

“...the term landscape, as it has entered the English language, is misleading. “A portion of territory the eye can comprehend in a single view” does not correctly describe the relationship between the human being and his or her surroundings. This assumes the viewer is somehow *outside* or *separate from* the territory she or he surveys. Viewers are as much a part of the landscape as the boulders they stand on.” (1996)

Ou seja, Indigo e Sister Salt, assim como a areia, as flores e a chuva, são a representação da presença indígena e de seu espaço de pertencimento. Nesse raciocínio,

¹ Tradução livre. Texto original: “Silko has crafted a dreamlike tale out of one the ugliest realities in American History

o vocábulo *utopia* desagrega-se de sua negação, transformando-se em *neo-utopia* (Laura Izarra, 2001), ou seja, “processos de releitura da sociedade em ação”, pois a representação literária desse lugar reaviva a memória da *realidade* de um povo desterritorizado e o presente vazio desse lugar outrora existente é preenchido pela vontade de ação, transformando-se em uma “utopia possível” que configura o princípio esperança de Ernst Bloch (2006)“, pois “não há utopia sem ideal” (Szachi 1972).

Na seqüência do trecho de *Gardens in the Dunes* há a passagem na qual

“ Sister Salt remembers everything. The morning the soldiers and the Indian Police came to arrest the Messiah, Grandma Fleet told Sister Salt to run. Run! Run get your little sister.” (p. 13)

E assim se finda abruptamente a visão idílica do leitor, metáfora à destruição repentina e poderosa sofrida pelos ameríndios quando da chegada dos europeus. Se o primeiro trecho aborda a utopia, a distopia configura o segundo exemplo. Em contrapartida, tal binário não configura uma dicotomia senão duas idéias em diálogo, calcadas na versão histórica dos *Native American*. Não se trata de utopia (quimera) versus distopia (caricatura, distorção da realidade). Nesse sentido, a distopia, assim como a utopia, reside na ordem do factível e do descritivo e não do hiperbólico.

Almanac narra os quinhentos anos de colonização européia nas Américas, pulverizada nos seus mais de 70 personagens e expõe atrocidades desferidas às nações indígenas pelos europeus com requintes de crueldade e detalhes grotescos. O cenário é Tucson, uma cidade de criminosos, déspotas, traficantes, estupradores e toda sorte de corruptos, representando a visão de Silko sobre o cenário estadunidense. O que a autora propõe em *Almanac* é um profundo revisionismo histórico em tom reivindicatório “[...] desvendando os sub-textos de injustiças sofridas pelos povos indígenas colonizados e destituídos de seu espaço.”² Ao passo que *Gardens in the Dunes* desvela o embate de duas culturas antitéticas, a européia representada pelo casal Hattie e Edward, e a indígena centralizada na figura da protagonista Índigo. Atravessada por tensões ou infortúnios, sua narrativa desdobra-se em um metatexto pautado por requintes estéticos. Nesse raciocínio, a produção de sentidos possível em *Almanac* pode despertar no leitor reações que variam do asco à indignação.

Em consonância com tal comparação, verifiquemos excertos dos dois romances em questão:

² TAYLOR, Paul Beekman *Silko's Reappropriation of Secrecy* In BARNETT, Louise K. & THORSON, James L. (eds.) *Leslie Marmon Silko*, Albuquerque: University of New Mexico Press, 1999.

“The Sand Lizard people heard rumors about the aliens for years before they finally appeared. The reports were alarming, and the people had difficulty believing the bloodshed and cruelty attributed to the strangers. But the reports were true. At harvest, the aliens demanded and took, everything. This happened long, long ago but the people never forgot the hunger and suffering of that first winter the invaders appeared. (Gardens in the Dunes, p. 15).

Silko cita o derramamento de sangue e a crueldade, mas não segue com exemplos. A fome e o sofrimento sofridos pela comunidade Sand Lizard são citados, mas não detalhados. Voltando à idéia do metatexto literário digamos que a linguagem empregada conserva uma distância entre o texto e o interlocutor que toma conhecimento do perecimento indígena, mas que talvez o esquecerá tão logo a leitura do livro seja encerrada.

Segue abaixo um trecho de *Almanac*, que também aborda a invasão européia nas Américas:

“Valuable slave women and children had been mutilated and slaughtered, had been driven mad by the depravity of the colonial masters. (...)

Child rape and murder had been perfected in the New World by European slave owners, who had later returned to Europe infected with bloody compulsions they had indulged in the colonies (...) as they smeared the fresh blood of slaves on their thighs and genitals.” (425-426)

Zeta wondered if the priests who told the people smuggling was stealing had also told them how they were to feed themselves now that all the fertile land along the rivers had been stolen by white men. Where were the priests and his Catholic Church when the federal soldiers used Yaqui babies for target practice? (p. 133)

Estupro, assassinato, infectados, compulsões sangrentas, contrabando e roubo, termos vigorosos que expõem não somente fatos, mas também o senso de ultraje no discurso cruciante da autora. Além disso a clara denúncia: “os europeus infectados por compulsões sangrentas que tinham se divertido nas colônias (...) enquanto espalhavam o sangue fresco das escravas em suas coxas e genitálias”. O nome do “criminoso”: europeus; crime: estupro; detalhes: auto-indulgência calcada na crueldade. Ou seja, a narrativa ficcional que toma forma de narrativa histórica, cuja legitimação fica a cargo do leitor imbuído da imagem terrível. Em passagens perversas de *Almanac* podemos apontar a presença de anti-utopias, ou seja, uma caricatura hedionda da realidade. Mas, ressalta-se que tal oposição utopia/anti-utopia é concebida na ordem da produção de

sentidos e não na veracidade ou hiperrealidade caricatural, afinal entrar nesse âmbito de discussão pontuaria a crença na realidade essencialista, no devaneio da verdade *per se*, quando pretendemos exatamente o oposto.

Just as the unfolding narrative relies on openness in history, the unfolding narrative voices rely on openness in the listener to effect a transformation. (Moore, 1999, p. 163)

Essa transformação age primeiramente na mente do leitor, no seu posicionamento, na possibilidade de fazer-nos enxergar os problemas sociais e tomarmos atitudes para transformá-las, seja “dizendo coisas ou fazendo com que tomem atitudes em seu favor”.

O mesmo acontece no segundo trecho: a denúncia à omissão da igreja católica frente a crueldades terríveis como a de praticar pontaria em seres humanos. Sob essa luz novamente os participantes das instituições são citados, ou seja, se a instituição carrega uma amplitude o que pode acarretar um caráter metafórico, as pessoas não deixam margem a dúvidas. Curiosamente Silko também denuncia a igreja em *Gardens in the Dunes*:

“The reverend took one look at the young indian woman and requested the post commander allow him to save her soul from temptation. So mama went to live at the Presbyterian mission, where she learned the preacher himself suffered from temptation.”
(p. 16)

A narradora do trecho acima é Índigo, a criança protagonista de *Gardens in the Dunes* falando da ocasião na qual a tribo dos Sand Lizard foi dizimada por uma gangue de aventureiros em busca de ouro que, depois de matar os homens em sua maioria, levaram consigo mulheres e crianças como prisioneiras. A mãe de Índigo foi trabalhar na casa de um oficial do exército (de graça, pois era prisioneira, como a narradora frisa), bem o restante da história fica explícito no trecho exposto. O fim do episódio foi a gravidez que originou o nascimento da irmã mais velha de Índigo. O alvo dessa vez foi a igreja presbiteriana, com posicionamentos significativos reverendo, pregador... mas o tom da narrativa carrega um tom sarcástico, mas não tão incisivo quanto o de *Almanac*.

A despeito do tom narrativo é a história de ultraje sofrido pelos indígenas que perfazem o pano de fundo de ambas as narrativas. Sendo assim, a distopia, lembrando que esse termo carrega a idéia de verossimilhança, permeia ambas as narrativas. O cenário de corrupção de *Almanac* é uma tentativa de fazer-nos transcender a decadência.

Através de todo horror enfatizado na fragmentação narrativa, na representação sócio-política e cultural dos múltiplos personagens, na alegoria da violência e da crítica pungente que surge na ligação entre a estética e a política, os marginalizados organizam seu exército e surge a esperança do resgate da soberania tribal, o cumprimento de milenares profecias indígenas. Sob essa perspectiva, *Almanac* é uma mensagem de resistência e esperança.

O jardim e a beleza das flores de *Gardens in the Dunes* metaforizam o povo indígena que resiste ao movimento e às intempéries dos fatos históricos, como as flores que morrem e renascem na areia corrediça das dunas. Ampliando essa noção podemos arriscar dizer que as minorias de *Almanac* são como o mandacaru, tão resistente que é capaz de fornecer água em época de seca, e resplandece em flores e frutos em tempos de abundância, o que nos leva ao dizer de Bloch “há um atrativo tanto na pluma quanto no aço” (p. 17). Tal atrativo ou beleza destaca-se nos pilares da literatura Native American, segundo Geary Hobson (1979): continuance, strength, renewal, remembering. Imbuído a tais características figura a ucronia narrativa de Silko, na qual a história retilínea e cronológica é subvertida pelo tempo circular da perspectiva indígena, lugar das possibilidades, das reescrituras, da derrota de Cronos por um Zeus tão híbrido quanto os espaços ocupados pelos *Native American* e as próprias culturas indígenas, que se renovam, miscigenam e se hibridizam, mas, como refletido em sua literatura, permanece através dos laços da memória e da força.

Silko regozijou-se com o fato de que *Almanac of the Dead* pareceu corresponder aos adjetivos ‘profético’ e ‘apocalíptico’, recebido de seus críticos. Publicado em 1991, *Almanac* parece ter antecipado o levante dos zapatistas maias em Chiapas³, ocorrido em 1994. Na época da publicação do livro, já ocorria uma extrema desigualdade na distribuição de terras, mas não havia indícios da organização de uma rebelião. A marcha pacífica liderada pelos irmãos gêmeos em *Almanac* vincula-se ao mundo extra-textual com três marchas (também pacíficas) que ocorreram em Chiapas, logo após a publicação do livro. Silko pede que “preenchamos as lacunas, ao lembrarmos das mudanças na África do Sul ou Belfast” (Silko, 2000, p. 63-64).

Almanac of the Dead ou *Gardens in the Dunes* são narrativas utopistas, portanto calcadas nas possibilidades. Anuir ao espaço híbrido e pacífico proposto por Silko em ambos os romances demanda rupturas hegemônicas. Por fim a definitiva significação do

³ Cf. Donnelly, 1999, p. 247-248.

termo utopia reside na infindável dinâmica entre as narrativas transgressivas e seus leitores, que reconhecendo a legitimidade das aspirações podem escolher entre a neutralidade ou a solidariedade, pois como nos ensina Ernst Bloch “o desejo edifica e cria coisas reais; nós somos os únicos jardineiros da mais misteriosa das árvores a crescer.”

Referências Bibliográficas

ARNOLD, Ellen L. *Conversations with Leslie Marmon Silko*, Jackson: University Press of Mississippi, 2000.

BLOCH, Ernst *O Princípio Esperança*, São Paulo: Contraponto, 2006. Vol 3.

BOOKER, M. Keith. Dystopian Literature: A Theory and Research Guide.

Westport, CT: Greenwood Press, 1994. Questia. 5 May 2007

<<http://www.questia.com/PM.qst?a=o&d=9600114>>.

HALL, Stuart *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*, São Paulo: DP&A Editora, 2000.

IZARRA, Laura (org.) *A Literatura da Virada do Século: Fim das Utopias?*, São Paulo: Humanitas, 2001.

SILKO, Leslie Marmon Silko *Almanac of the Dead* New York: Simon & Schuster, 1991.

_____. *Yellow Woman and a Beauty of the Spirit – Essays on Native American Life Today*, New York: Touchstone, 1997.

-----*Gardens in The Dunes*, New York, Simon & Schuster, 1999.

YOUNG, Robert J.C.. “Hybridity and Diaspora”. In: *Colonial Desire - Hybridity in Theory, Culture and Race*. London and New York: Routledge, 1995

